

# A Vara Bifurcada no Escutismo: um Caminho para Seguir

PE JOSÉ MANUEL FERNANDES  
(DIRIGENTE E ASSISTENTE DO CNE)

Desde cedo o Movimento Escutista sempre me cativou: nele estavam os meus amigos e vizinhos. Foi graças a eles que a grande aventura de estar com os outros e jogar com eles me cativou. E foi assim que anos passados no meu Agrupamento vi-me chegado à idade adulta, com a Promessa de Caminheiro.

No meu Clã encontrei um grupo de homens e mulheres que, com o seu testemunho de vida, não só escutista, mas também familiar e social, me ajudaram a fazer o meu discernimento vocacional. A eles e elas devo aquilo que sou: Sacerdote da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foi nos seus exemplos de vidas que a vara bifurcada da minha vida encontrou o caminho do serviço

e da entrega na Comunidade Cristã a que pertence. Recordo desde já o nosso Assistente e Pároco, Sr. Cónego Veloso, e com ele os sacerdotes escutistas que partilhavam a Sede na Rua da Boavista (Monsenhor Américo, Sr. Cónego Macedo, Padre Joseph Santos), que com a sua alegria e preocupação com cada um de nós, fizeram nascer em mim este desejo de aprender a amar e a servir o meu próximo e irmão escuta. Graças ao testemunho dos meus dirigentes (Alfredo, Barbosa, Veloso e Ferreira) pude ver que a vida entregue ao serviço do outro é motivo de felicidade e realização. Vi também naqueles que frequentavam a Sede de Núcleo e Regional de Braga (Chefe Lina, Araújo, Osório, Carlos Alberto, José Carlos) padrões de estar na vida que me seduziram e me fizeram crescer neste



desejo de me entregar aos outros e de ser melhor, ser mais. No seu labor e entrega de tempo, naquelas quartas-feiras à noite, me entusiasmarei a seguir o caminho do Homem Novo, que S. Paulo tão bem apresentou.

Foi com estes exemplos de vida que tomei conhe-

cimento que «os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e empenho, renunciando às presas. Ao mesmo tempo, não nos devemos deter por insegurança, não devemos ter medo de apostar nem de cometer erros. Devemos ter medo, isso sim, de viver parali-

sados, como mortos ainda em vida, convertidos em seres que não vivem porque não querem arriscar, porque não perseveraram nos seus compromissos ou porque têm medo de se equívocar» (Cristo Vive, 142).

Graças à promessa de estar “sempre Alerta para

Servir”, com os meus irmãos escutas encontrei, no Sameiro, aquando da sua visita a Portugal, S. João Paulo II, e no serviço de assistência de macas, aquele que em nome de Jesus me projetou para o meu Sim a uma vida de entrega e doação ao Povo de Deus. Foi com o lenço de Caminheiro que, de certa forma, tomei consciência que o amor é natural ao homem.

Alguém escreveu que a verdade, a bondade e a beleza, são as coisas mais valiosas da vida, e que, por isso, devemos estar dispostos a pagar qualquer preço, pois no entardecer da vida, seremos julgados apenas pelo amor (S. João da Cruz). Aprendi graças ao Movimento Escutista, e continuo a aprender, que a vida gasta naquilo que vale pena, estar alerta para servir, essa sim, é a medida da nossa grandeza.

## O Padre Américo: Pastor, Professor e Escuteiro

«A CANÇÃO EM CORO é, num grupo de escuteiros, sintoma de vitalidade. Grupo, clã ou alcateia que não cante, arrefece e apaga-se...»

Pe. Américo, in “O Meu Cancioneiro”, Clã 8, 3ª edição, Braga, 1987.

CARLOS ALBERTO PEREIRA  
(DIRIGENTE DO CNE)

Um jovem seminarista Américo Ferreira Alves, nascido a 2 de setembro de 1917, e ordenado sacerdote, em 1942, iniciou a ação pastoral em Joane, sua terra natal, como vigário cooperador, depois em Pousada e em Barqueiros, mas, a partir de 1943, passou a servir nos seminários diocesanos como ecónomo e como professor. Foram 39 anos dedicados à docência, nos seminários e noutras instituições educativas: Colégio D. Pedro V (1954/57), Liceu Sá de Miranda (1959/60) e Colégio Teresiano (1960/71). Ainda em 1943 foi nomeado Assistente do Grupo 1 do Escutismo Católico Português. A missão de pastor enfocou, de forma inde-

lével, a sua ação de professor e de escuteiro, que se constituíam em instrumentos ao serviço da Boa Nova.

Este professor de excelência era, acima de tudo, alegre e exigente, para consigo e para com os alunos, com uma compreensão infundável para com aqueles que tinham mais dificuldades, mas implacável para com os que, por preguiça, não “faziam render os seus talentos”. Num tempo e num espaço onde imperava a pedagogia passiva, as suas aulas eram um verdadeiro oásis, pela dinâmica que imprimia, pelo enfoque que colocava nos alunos e pelas oportunidades que criava para valorizar o desenvolvimento de cada um em particular, privilegiando os ritmos individuais de aprendizagem, promovendo



do a dinâmica de grupo, os centros de interesse e a participação dos jovens nas suas próprias aprendizagens. O Pe. Américo era, de facto, um professor de eleição e querido pelos seus alunos.

Como escuteiro, cuja atividade só terminou quando, este Assistente Regional

Honorário e Vitalício, partiu para o eterno acampamento, no dia 20 de março de 2013, a sua ação é inarrável. Por isso, recordaremos a fundação do Clã 8, no seminário, do qual foi chefe até 1982, por onde passavam muitos dos seminaristas, que assim tomavam contacto com este

instrumento de educação não formal, preparando-se para o utilizar nas suas paróquias ajudando os jovens a crescer “em idade, sabedoria e graça”, bem como edição de “O Meu Cancioneiro”, pelo clã. Como formador de jovens dirigentes, ao integrar as equipas de formação do

CNE (1951), que percorriam a região e o país promovendo ações de formação, e ao ajudar o Dr. Manuel Faria, em 1962, a fundar o Campo Escola Nacional Calouste Gulbenkian, em Fraião, onde foi formador e assistente, o Pe. Américo foi, de facto, um homem determinado e determinante nesta sua missão de Pastor, de Professor e de Escuteiro. Ninguém pode calcular o efeito “de bola de neve” que a sua vida escutista teve no desenvolvimento do escutismo na região de Braga e no país, mas um dos seus livros, “Comboio da Régua”, pode ajudar-nos a descobrir um pouco da sua enorme importância, ele que, nos bodas de ouro (de sacerdote e de escuteiro), afirmou: «ainda hoje estaria disposto a recomeçar».